

## JOSÉ BEZERRA GOMES E A AGONIA DA MASCULINIDADE

Hélio Dias Furtado

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

José Bezerra Gomes é um escritor potiguar, nascido em 1911, na cidade de Currais Novos, interior do Rio Grande do Norte, e falecido em Natal em 1982. A obra literária dele se constitui de três romances *Os Brutos* (1938), *Por Que Não se Casa, Doutor?* (1944), *A Porta Vento* (1974), e uma *Antologia Poética* publicada em 1975. Segundo alguns estudiosos de sua vida e obra, José Bezerra Gomes tinha a intenção de criar na literatura potiguar um “ciclo do algodão”, algo que se assemelhasse ao ciclo da cana-de-açúcar do paraibano José Lins do Rego. Contudo, esse seu projeto nunca foi totalmente realizado (cf. GURGEL. 2001)

Como bem definiu o Prof. Tarcísio Gurgel (2001), em seu livro *Informação da Literatura Potiguar*, uma certa indecisão diante da vida caracteriza os personagens de José Bezerra Gomes. Na visão do professor, essa indefinição é resultado da educação recebida por pessoas como o autor que, filho de tradicional familiar de fazendeiros da região do Seridó, foram estudar na cidade grande e, ao voltar para sua cidade, não conseguem mais se adaptar àquela realidade provinciana e atrasada. Na realidade, uma leitura mais direcionada revela que essa constante indecisão que atormenta os personagens de José Bezerra Gomes não se refere apenas ao seu aspecto profissional. É uma indecisão que tem raízes mais profundas e envolve até mesmo o aspecto sexual de suas vidas.

Nesse sentido, podemos afirmar que há, na obra de José Bezerra Gomes, algo que poderíamos chamar de angústia da masculinidade. Seus personagens masculinos são de certa forma atormentados pelo que a sociedade exige deles para serem considerados “homens”. Em muitas ocasiões paira sobre esses personagens a angústia de terem de fazer algo que vai contra sua disposição natural. A obrigação de ser um “homem de verdade”, ou usando uma expressão bem nordestina, um “cabra macho”, é incômoda para essas personagens.

Neste trabalho, vamos analisar como essa angústia da masculinidade se manifesta na vida dos personagens masculinos de *Os Brutos*, principalmente Sigismundo, o protagonista da estória, e o sacristão João. No entanto, antes de

começarmos nossa análise desses dois personagens, vamos tecer algumas considerações sobre as características que são tradicionalmente atribuídas ao popular “homem de verdade”. Embora os estudiosos que mencionaremos aqui não se refiram especificamente ao conceito de “homem de verdade” ou “cabra macho” como é corrente no interior do Nordeste, entendemos que suas definições podem ser aplicadas a essa realidade sem riscos de distorções.

O aspecto do “homem de verdade” que mais nos interessa neste estudo é a sua postura em relação às mulheres, o que irá predominar nas atitudes das personagens de José Bezerra Gomes. Para começar, existe a questão mais básica da relação sexual. A mulher, nesse caso, tem uma grande importância na definição do homem de verdade, pois, segundo alguns estudiosos como o psicólogo Francisco Gikovate (1989), não é suficiente nascer tendo o sexo masculino para ser considerado homem. Ao menino que está entrando na puberdade é exigido que demonstre a sua virilidade, ou seja, que é homem de verdade, o que só se concretiza ao manter relações sexuais com mulheres. Segundo ainda Gikovate, após a primeira relação sexual o menino experimenta um grande alívio pois agora está certo de que é um homem e não corre mais o perigo da homossexualidade. No entanto, a sua primeira vez com uma mulher, não o classifica como homem em caráter definitivo. O menino terá que continuar reafirmando a sua virilidade através de constantes relações sexuais com outras mulheres.

Assim, não é exagero afirmar que para não ser rejeitado pelos seus pares que também são cabras machos, muitas vezes o homem tem que necessariamente ter um desejo sexual até certo ponto exacerbado e estar constantemente mantendo relações sexuais com mulheres para manter o seu status. Não é necessário dizer que uma indiferença à prática sexual ou pior ainda, uma demonstração de inclinação ao homossexualismo ou efeminação, poderá ser fatal ao seu processo de socialização.

Além desse aspecto estritamente sexual, a mulher também desempenha um papel importante nesse processo de socialização entre os homens. João Silvério Trevisan (1998) afirma que “no universo do macho dominante, a mulher seria a moeda de troca dentro de uma relação em que o verdadeiro parceiro é outro homem”. Como demonstraremos na nossa análise do romance José Bezerra Gomes, em muitas situações a busca de relações sexuais com mulheres é motivada pelo desejo de socialização com outros homens ou de inclusão no que poderíamos chamar “clube dos machos”. As relações sexuais que os homens mantêm com mulheres vão ser determinantes para a sua aceitação social por outros homens. Assim, podemos afirmar que o que leva o cabra

macho a ter relações com mulheres não é somente a necessidade de satisfazer seu apetite sexual. Essas relações vão ser de suma importância para seus laços sociais com outros homens.

Ainda corroborando essa função de socialização da mulher na vida do homem, podemos acrescentar uma visão feminista. Analisando a posição da mulher no sistema patriarcado, Heidi Hartman (*Apud* TREVISAN, 1998) refere-se ao “uso da mulher enquanto propriedade intercambiável e talvez simbólica visando objetivos primários de fortalecer os laços de homens com homens.” Hartman se refere aqui principalmente aos rituais sociais, tais como o casamento religioso no qual a noiva passa simbolicamente do poder do pai para o do futuro marido. A noiva entra na igreja acompanhada pelo pai que, ao chegar ao altar, a entrega àquele que, a partir daquele dia, será seu novo “senhor”. No entanto, como veremos através do romance de José Bezerra Gomes, esse uso da mulher começa bem antes do casamento.

Passemos agora a uma leitura do romance de José Bezerra Gomes e vamos ver como esses conceitos angustiam suas personagens masculinas. A estória de *Os Brutos* passa-se nos anos 1930 e é narrada da perspectiva de um adolescente, Sigismundo, menino da zona rural de Currais Novos, no interior do Rio Grande do Norte, que, ao iniciar-se a estória, mora na cidade com seus tios para assim poder dar continuidade aos seus estudos. Estando em uma idade em que a criança desperta naturalmente para a sexualidade, o menino naturalmente olha para os homens ao seu redor em busca de parâmetro que guie a sua sexualidade. Nessa sua observação, ele descobre diferentes maneiras como diferentes homens lidam com as mulheres ajudando dessa forma a forjar sua masculinidade. Dessa forma, acompanhando a trajetória de Sigismundo, teremos uma vista panorâmica composta por diferentes personagens masculinos que têm sua vida determinada, de forma direta ou indireta, pelo conceito de homem de verdade que predomina em sua comunidade. Assim, uma das temáticas principais do romance é exatamente o ritual de se tornar homem pelo qual passa Sigismundo e a visão ou visões de mulher que estão disponíveis em seu processo de crescimento.

A narrativa de *Os Brutos* inicia-se com o chofer Jesus que, por ser o único que dirige um carro na cidade de Currais Novos utiliza-se desse fato para fazer sucesso junto às mulheres daquela cidade. Ele é um sedutor contumaz que não conhece restrições em suas aventuras donjuanescas. O chofer investe não apenas nas moças solteiras, mas também nas mulheres casadas e nas prostitutas do Aterro, o baixo meretrício de Currais Novos nos primeiros anos do século passado.

Se o status que Jesus ostenta junto às mulheres não tem consistência, no sentido de que ele apenas dirige um carro que na realidade não lhe pertence, o mesmo não acontece com tio Lívio, o segundo personagem sobre quem se concentra o narrador. Tio Lívio mantém uma casa para a prostituta Rica por quem é apaixonado. Apesar da repreensão do pai e das orações da mãe para que tio Lívio deixe aquela vida de desregramento, ele vive sua paixão indiferente às críticas que recebe e continua desafiando abertamente a moral e a decência da cidade.

Podemos aqui identificar dois traços que unem esses personagens e os fazem homens de verdade naquela sociedade. Ambos desrespeitam o código de decência moral da cidade para satisfazer seus apetites sexuais e ambos se utilizam dos recursos de que dispõem para conseguir satisfazê-los. Apesar do desrespeito à decência moral da cidade, esses personagens não se sentem constrangidos ou discriminados como consequência de seu comportamento.

É nesse contexto de representações masculinas bem definidas em relação às mulheres, formado pelo chofer Jesus e tio Lívio, que surge o personagem do sacristão João. Em um primeiro momento, esse personagem parece estar totalmente solto dentro da estrutura narrativa do romance, pois ele não tem nenhuma ligação direta ou indireta com nenhuma das outras personagens com as quais não interage em nenhum momento. Seu efêmero aparecimento na estória só faz sentido exatamente quando se vê o romance em sua temática de gênero. João é um personagem dócil cuja grande religiosidade havia aparentemente definido a sua indiferença a questões sexuais. Embora não saibamos sua idade, podemos concluir que João já é um jovem adulto, solteiro e que, segundo deduzem todos na cidade, nunca manteve relações sexuais com nenhuma mulher. Esse fato faz dele um motivo de pilhéria entre seus amigos. Diante da constante importunação desses amigos, o sacristão, para se livrar daquela situação vexatória, toma umas doses de cachaça e, após adquirir coragem suficiente vai ao Aterro, a zona de baixo meretrício de Currais Novos, e se força a ter relações com uma prostitua. Isso, pelo menos, é o que o personagem deduz de sua noitada no lupanar, pois ele não lembra detalhes do que aconteceu entre ele e a prostituta na noite em que lá esteve. Sua mente como que bloqueou o que quer que tenha acontecido. Isso, embora não seja afirmado por ele, leva-nos a uma óbvia conclusão de que aquela não foi uma noite de prazeres para ele.

Como já mencionamos anteriormente, a decisão do sacristão João de ir a um lupanar foi motivado pelo seu desejo de se livrar das brincadeiras dos seus amigos sobre

sua suposta virgindade. Neste ponto, cabem algumas reflexões sobre o que estava por trás das brincadeiras de mau gosto contra o sacristão. Primeiramente, podemos apontar a rejeição a ele motivada pelo simples fato, que na realidade era uma suposição não confirmada pelo sacristão, de que ele, por motivos desconhecidos, mas que se supõem de fundo religioso, não tinha desejos sexuais, ou que pelo menos nunca tinha tido relações sexuais com uma mulher. Possivelmente como resultado de sua forte religiosidade, o que é evidenciado pelo fato de ele ser sacristão, a sua sexualidade foi aparentemente sublimada, fazendo-o indiferente a questões sexuais e, conseqüentemente, às mulheres enquanto fonte de prazer sexual.

Por outro lado, o comportamento dos seus amigos diante desse fato é revelador do que aquela sociedade exigia de um homem, melhor dizendo, de alguém do sexo masculino para ser considerado um homem. Ela não aceita um homem que não tenha desejos sexuais e vá em busca de mulheres para satisfazê-los. Um homem que se desvie desse comportamento padrão torna-se necessariamente motivo de pilhéria.

Podemos supor que, devido a seu vínculo com a religião, o sacristão inspirava certo respeito e que, devido a isso, ele era atacado apenas verbalmente por causa da sua suposta virgindade. Assim, é fácil deduzir qual teria sido a reação dos homens daquela comunidade se o “desvio” do sacristão das normas sexuais fosse em maior intensidade. O que lhe aconteceria se, ao invés de abster-se sexualmente, ele demonstrasse tendências homossexuais? E se o seu desvio fosse um pouco maior ainda no sentido de que, além de tendências homossexuais ele também revelasse trejeitos efeminados? É de se supor que a reação negativa dos demais homens de sua comunidade não se limitaria apenas a agressões verbais.

Apesar de João não ser caracterizado como uma personagem com trejeitos femininos, assim mesmo podemos afirmar que na base da discriminação contra ele estão razões ligadas a características consideradas tradicionalmente femininas. Primeiramente, está a sua intensa religiosidade e sua ligação com as atividades paroquiais que, principalmente nas pequenas cidades do interior nordestino, é atribuição que cabe principalmente às mulheres. Em segundo lugar, está o fato de ele ser (ou supostamente ser) virgem. Sabemos que não apenas no interior do Nordeste, mas de um modo geral em todas as sociedades, a virgindade sempre foi considerada uma virtude a ser preservada apenas pelas mulheres.

Porém, como a própria narrativa sugere, essas características, em se mesmas não são totalmente condenáveis para quem quer ser homem. O problema está na

combinação das duas em um mesmo homem. Usasse o sacristão sua religiosidade para conquistar as mulheres, como o chofer Jesus faz com o carro que dirige e tio Lívio faz com seu dinheiro, isso não seria um problema em sua vida. No entanto, sua religiosidade tinha um aspecto místico e não, aproveitador. Por outro lado, sua abstinência sexual também não seria um problema se seu status social fosse outro. Esse aspecto será mais esclarecido quando, mais adiante, nos concentrarmos no personagem de seu Tota.

Se por um lado podemos dizer que o comportamento dos amigos do sacristão revela a concepção predominante daquela sociedade no que se refere as suas exigências de um homem, pelo outro lado, a reação do sacristão, ou seja, sua ida ao baixo meretrício, revela muito de sua personalidade e da atitude predominante de todos aqueles que se não se encaixam no padrão de masculinidade predominante em uma pequena e conservadora comunidade. Diante das pilhérias dos seus amigos, o sacristão nem se manteve indiferente nem firmou posição em sua opção por uma abstinência sexual. Ao invés disso, ele sucumbiu ao que era exigido dele, revelando assim uma espécie de sentimento de culpa por ser diferente da maioria. Ele assume o conceito predominante em sua comunidade de que todo homem tem, ou pelo menos deveria ter, desejos sexuais que precisam ser satisfeitos a qualquer custo e que é para isso que servem as prostitutas. Em outras palavras, ele passa a se comportar como quem afirma uma consciência de estar errado e uma necessidade de se adequar ao que é verdadeiro.

Como sugerimos anteriormente, em sua noitada no Aterro, o desempenho sexual do sacristão não é contado em detalhes. O narrador relata apenas a sua desajeitada maneira de lidar com aquela situação e, sugestivamente, descreve seu corpo com freqüente uso da palavra frio: “Ondina [a prostituta] virou-se e as suas mãos tocaram no corpo frio do sacristão. O sacristão ficou mais frio ainda, foi quando as mãos de Ondina pegaram num canto frio do corpo do sacristão. Aí esfriou de uma vez” (GOMES, 2005, p 25). Após relatar seu desconforto com a presença de uma imagem de Santo Onofre no quatro da prostituta, o narrador conclui o relato da aventura sexual do sacristão nos seguintes termos: “Deitou-se de novo e agora, de costa virada para os olhos-de-vidro do santo, o seu corpo frio encontrou o corpo em brasa da puta. E a presença dos olhos-de-vidro do santo foi se apagando e se apagou” (GOMES, 2005, p 25). O que quer que tenha acontecido a partir daí, fica por conta da imaginação do leitor.

Contudo, independente do que tenha acontecido, não deixa de ser notável a alegria com que o sacristão acorda depois:

Levantou-se e se vestiu tremendo de alegria. Estava suado e tinha custado um tempão. No entanto, estava alegre e sua alegria era diferente de todas as alegrias que tinha experimentado na vida, uma alegria completa e que vinha de dentro, corria pelo corpo todo. Tirou todo o dinheiro que tinha nos bolsos, nem contou, e deu todo para a puta. Depois saiu para a rua. Notou que estava andando depressa. Encurtou os passos. Queria que todos os vissem saindo do Aterro. Demoraria no andar o mais que pudesse, para que vissem bem que era ele. (GOMES, 2005, p. 25)

Ora, não é difícil concluir que toda a alegria que o sacristão estava sentindo quando saiu da casa da prostituta não era alegria por ter satisfeito um desejo sexual. Sua alegria era oriunda de um senso de dever cumprido. Ao passar a noite com a prostituta, ele tirava um peso de suas costas, o peso de ser diferente dos outros homens por nunca ter tido relações sexuais com uma mulher. Ela acabara de cumprir uma de suas obrigações como homem e queria que todos o vissem sair do lupanar.

Sua primeira atitude logo após deixar a prostituta é reveladora de sua autoconfiança recém-adquirida. Ainda em seu estado de intensa alegria, ele se aproxima de um grupo de rapazes que estava na esquina, e a quem conhecia apenas de vista, para perguntar se a prostituta que morava em tal casa, de onde ele obviamente acabara de sair estava doente. Ao se aproximar propositalmente dos rapazes, o sacristão está revelando que agora se sente como um deles e pode socializar com eles. Ele não tem mais o que temer por não ser diferente dos outros homens.

Por outro lado, a sua referência à possível doença da prostituta também é muito significativa. Diz o narrador: “Pouco lhe importava que a puta com que tinha estado estivesse doente. Até gostaria que estivesse e ele ficasse também. Andaria então com as pernas abertas pelas ruas de Currais Novos e todos ficariam sabendo por que era que estava doente e amarelo”. (GOMES, 2005, p. 26) No íntimo, o que o sacristão queria era uma marca visível para todos de que ele agora era um homem de verdade.

Infelizmente, o simples fato de ter passado uma noite com uma prostituta não categorizava João necessariamente como um homem como os outros. Devido ao rumo da narrativa, não sabemos como e quando João percebeu essa verdade. No entanto, a percepção dessa verdade por Sigismundo viria mais tarde em sua própria iniciação sexual. Por enquanto, como o sacristão João, ele também ainda era virgem, mas a sua virgindade não era problema visto que ele ainda era quase menino. Mas, apesar da pouca idade, Sigismundo já demonstra ter consciência do que é necessário para ser

considerado homem na sua comunidade. Dessa forma é que ele inocentemente já se define como tal para seu tio Lívio, sua referência maior e fonte de orgulho, a quem ele diz que já é “homem”, pois já tinha “feito” com mulheres. Seu tio, então, dono de uma personalidade muito espirituosa, leva-o para o Aterro, onde Sigismundo se sentiu intimidado e só não chorou porque foi consolado pela prostitua Rica que depois o manda embora dali. É óbvio que a falha de Sigismundo em provar para seu tio que já era um “homem”, não o nivela com o Sacristão, pois, afinal de contas, ele era bem mais novo do que aquele. No entanto, se assemelha a ele em sua inocência ao achar que apenas o ato de manter relações com uma mulher já o habilitava ao título de verdadeiro homem.

Mais tarde, o que leva Sigismundo a sua primeira experiência sexual é a influência do cabra Cícero Cacheado, um trabalhador no sítio do seu pai, onde ele volta a morar. Cícero Cacheado tinha tomado o lugar de seu tio Lívio, tornando-se agora a sua referência em questões sexuais, o seu “mestre de safadezas”, como Sigismundo o define. Chico consegue esse status com as suas narrativas de aventuras sexuais. Aos poucos, Sigismundo, em atitude semelhante a do sacristão, começa a despertar o senso de obrigação de ter uma relação sexual para contar a seu ídolo. Ele sente a necessidade de limpar sua reputação com o seu novo mestre que o chama de “mole” por nunca ter “feito” com mulher. Finalmente, ele tem a sua primeira relação sexual com Maria, uma menina que mora nas redondezas do sítio do seu pai. Após a punição que recebeu de sua mãe, sua primeira atitude é ir contar a Cícero a sua aventura, mas que não dar muito crédito a sua história.

A atitude de descrédito de Cícero Cacheado não é explicada pelo narrador. No entanto, ela pode ser vista de pelo menos duas maneiras. Por um lado, ele pode estar relutando em conceder a Sigismundo o honorífico título de “homem” por deduzir a natureza do impulso que levou o menino a ter sua primeira relação com uma mulher. Como já foi sugerido acima, Sigismundo foi basicamente estimulado pela necessidade de imitar Cícero e depois ir lhe contar a sua aventura. Ele não foi movido por uma necessidade fisiológica do ato sexual, que seria mais natural em sua idade. A falta de um impulso viril maior fica evidenciada no castigo que ele recebeu depois de sua mãe. Um homem de verdade certamente não aceitaria um castigo maternal por ter mantido relações sexuais com uma mulher.

Por outro lado, Cícero Cacheado, já sendo um veterano no clube dos homens de verdade, pode saber que as muitas narrativas que os homens gostam de contar sobre



suas aventuras sexuais não são sempre e necessariamente verdadeiras. E aí se revela em maior dimensão a inocência de Sigismundo e também do sacristão por não saberem as regras do jogo para ser considerado um homem de verdade.

Esse, portanto, é o ponto no qual as estórias de Sigismundo e do sacristão João se assemelham. Ambos têm a necessidade de narrar para outros homens suas aventuras sexuais. O sacristão, como vimos, logo que sai do prostíbulo se aproxima de um grupo de rapazes que apenas conhecia de vista para que eles soubessem que eles estava vindo da casa de uma prostituta. Sigismundo, por sua vez, tem como sua prioridade primeira, após seduzir a menina Maria, ir contar a Cícero Cacheado a sua façanha. Aqui caberia perfeitamente a afirmação de João Silvério Trevisan que vimos acima segundo a qual no universo do macho a mulher é apenas uma moeda para a verdadeira relação que é com outro/s homem/ns. Ainda em relação às mulheres nesse relacionamento entre homens, vale observar que, apesar da necessária presença da mulher, apenas um homem pode legitimar um novo homem como tal.

Das aventuras sexuais do sacristão e de Sigismundo podemos concluir que de acordo com o código moral de sua comunidade para ser um homem de verdade não é suficiente já ter tido relações sexuais com uma mulher. Há algo mais além disso. Aparentemente, o verdadeiro homem é aquele que está sempre insaciado sexualmente e, como o tio Lívio, mantém uma prostituta para satisfazê-lo sempre que tiver vontade. Ou ainda como o chofer Jesus que não se satisfaz com apenas uma mulher, mas que vai em busca de quantas lhe aparecem para conquistá-las.

O retorno de Sigismundo ao sítio de seus pais dá ensejo ao retorno à narrativa de seu Tota, outra personagem que precisamos contrastar com o sacristão João para podermos entender o seu significado no contexto narrativo. Aproveitando-se das dificuldades pelas quais atravessa o pai de Sigismundo devido à estiagem, seu Tota compra-lhe a fazenda por valor irrisório, o que obriga a família de Sigismundo a eventualmente ir tentar a vida em São Paulo. Seu Tota é conhecido na cidade de Currais Novos pela fortuna que acumulou ao longo dos anos, resultado de seus negócios com algodão, o principal produto de exportação da região. Na realidade ele é o verdadeiro dono do carro dirigido pelo chofer Jesus, o único carro da cidade, o que revela o nível de seu poder aquisitivo.

Além de sua fortuna, o que desperta o interesse da cidade em seu Tota é a sua enigmática e misteriosa vida sexual. Ele nunca se casara e nunca se ouvira falar em aventuras sexuais suas seja em Currais Novos seja em Natal, para onde viaja

freqüentemente. No entanto, diferentemente do sacristão João, no caso de seu Tota, a própria comunidade se encarrega de lhe arranjar uma obscura relação sexual, embora não haja nenhum elemento concreto que comprove a sua existência. Na falta de informações quanto a uma possível vida sexual, dizia-se na cidade que seu Tota se satisfazia com uma mulata velha, sinhá Ana Felismina, que tomava conta de sua casa em Currais Novos.

Se por um lado seu Tota se assemelha ao sacristão João quanto a um possível desinteresse por mulheres e por sexo, por outro lado e de forma muito irônica ele também se assemelha a tio Lívio. Da mesma forma que tio Lívio, devido a sua condição financeira, ignora o código de decência da cidade mantendo casa para uma prostituta, seu Tota, também devido a sua condição financeira, se vê desobrigado a dar provas de sua virilidade. Em ambos os casos, portanto, a força do dinheiro põe esses personagens acima dos valores morais ali predominantes.

Nesse contexto cultural no qual a mulher é elemento indispensável na definição de virilidade de um homem, é interessante observar como algumas delas são caracterizadas nesse romance. A primeira dessas mulheres que merece uma observação mais detalhe e que está mais próxima do narrador na primeira parte do romance é tia Maria. Na realidade, ela é tratada como tia apenas por ser esposa de tio Abdias, irmão do pai de Sigismundo. É com eles que Sigismundo mora em Currais Novos, quando a estória começa. Como foi mencionado anteriormente, ele tinha ido morar lá para poder dar continuidade aos seus estudos.

Tia Maria é retratada como uma mulher dominadora e mal-humorada. Essa sua representação é, sem dúvida, conseqüência do fato do romance ser narrado pela perspectiva de Sigismundo a quem ele via como um mero estorvo a lhe aumentar as atividades domésticas diárias. No entanto, Tia Maria passa para uma condição bem diferente quando a vemos por outra perspectiva, em outras palavras, quando a vemos enquanto fruto das relações entre homens e mulheres que se estabeleceram na sociedade onde ela vive. Isso pode ser constatado quando, por exemplo, vemos o seu antagonismo contra tio Lívio que se manifesta mais nitidamente quando ele vem para sua casa para tratar-se de “moléstias do mundo”. Diz o narrador:

Pela primeira vez vi tia Maria receber uma pessoa da família do marido com alegria e satisfação. Era a alegria de ver tio Lívio naquele estado, podre e comido de doenças do mundo, mesmo como deseja vê-lo: um aleijado pelas

suas putas. Era no que dava quem se perdia com mulheres da vida: acabava dali para pior. (GOMES, 2005, p. 22)

Tia Maria não aceitava como correta a vida desregrada que seu cunhado levava em todos os aspectos. Agora que ele estava doente, parecia em sua visão que ele estava recebendo o devido castigo pela vida que levava. O narrador ainda continua em sua descrição da alegria de tia Maria quanto à condição de saúde de tio Lívio:

Agora podia soltar as suas indiretas e o cunhado desajuizado tinha que agüentá-las de cabeça baixa. Humilharia o seu hóspede o mais que pudesse. Aquele homem que não tinha hora para comer e dormir havia então de comer nas horas marcadas por ela e da comida que o médico mandasse. Também não sairia tão cedo de dentro de uma rede. E quando as visitas o vissem assim e lhe perguntassem o que era que tinha? Teria de se envergonhar e esconder os nomes feios das suas doenças. (GOMES, 2005, p. 22)

No entanto, tio Lívio, apesar da doença que o acometia, não perde sua valentia de cabra macho. Quando soube que o chofer Jesus estava paquerando com Rica, irritou-se e gritou com todos na casa de tio Abdias, acusando-os de quer matá-lo de fome. Saiu da casa e foi em busca de Rica.

Com o seu retorno para a casa da prostituta Rica, tio Lívio sofre a pior humilhação que poderia experimentar um homem de verdade, e da qual tia Maria não tomou conhecimento. O seu relacionamento com Rica não voltou a ser o que era antes. Agravando o seu ciúme do chofer Jesus, tio Lívio, devido à doença, não conseguia mais manter relações sexuais como antes.

E o pior era quando Rica acordava e olhava rindo para o tio Lívio, porque parecia assim que estava rindo da sua moleza. Tinha então vontade de agarrá-la pelo pescoço, meter-lhe a mão aberta na cara, o do sangue espirrar pelo nariz. Mas não fazia nada. Fazia era que não via a puta acordada e querendo. (GOMES, 2005, p. 29)

Isso, na realidade, é o que o fazia se sentir mais humilhado e, conseqüentemente, levou ao desfecho fatal da história de amor de tio Lívio e da prostituta Rica.

A rejeição de tia Maria ao padrão masculino predominante na sua cidade e, conseqüentemente, à condição imposta à mulher, revela-se não apenas no seu antagonismo a tio Livio, mas também na maneira como ela se relaciona com os dois

homens mais próximos em sua família, quais seja, seu marido tio Abdias e seu filho Aldair. Como já mencionamos anteriormente, tia Maria era uma mulher dominadora e mal-humorada que sufocava o marido e o filho com seus queixumes. Para evitar sua presença, tio Abdias passava o dia na farmácia onde trabalhava e só vinha para casa para comer e dormir. Sigismundo também evitar ficar em casa, preferindo ficar com os amigos na rua a ter que voltar para casa. Aldair, no entanto, não tinha a mesma sorte, pois tia Maria não permitia que ele se envolvesse com as outras crianças da cidade. Descrevendo a maneira como tia Maria controlava Aldair, diz Sigismundo:

Todo o cuidado de minha tia era com o seu Aldair. Rezando de dentro do quarto, pela porta aberta que dava para a sala da frente, não tirava os olhos do filho, sentado no sofá, com o livro nas pernas, decorando em voz alta a lição. O menino se findava naquele castigo diário. Se ao menos pudesse depois brincar, correr, saltar, fazer o que os outros meninos fazia. Mas não. Ela não deixava. Não o largava da vista e o privava de todas as vontades. E sentado assim, quietinho, num lugar onde o colocava, parecia com os seus cachinhos compridos de menina mais uma boneca da loja do que uma criatura viva. (GOMES, 2005, p. 18)

Sugestivamente, sempre que se refere ao seu primo, Sigismundo compara-o a meninas. Assim, na primeira vez que se refere a ele, Sigismundo o descreve como “um menino louro de traças de boneca que [tia Maria] criava diferente de todos os meninos...” Em outra passagem, relatando suas conversas com seu tio Lívio, diz Sigismundo: “Por sua vez parecia gostar de mim, que não era como Aldair, que era feito uma menina, com as suas trancinhas. Chamava-me para conversar, conversas de homens e isso cada vez mais nos ia ligando.” (GOMES, 2005. p. 23)

É novamente no personagem do sacristão João que vamos encontrar uma referência para entender a relação que se estabelece entre tia Maria, tio Abdias e o menino Aldair. Seguindo essa linha de comparação, podemos ver que Aldair, pelo tipo de educação que sua mãe lhe impõe e pela sua incapacidade em rebelar-se, está a caminho de se tornar futuramente alguém semelhante ao sacristão João, ou seja, um homem adulto com uma sexualidade aparentemente mal-ajustada à sua própria cultura e com dificuldade de socialização com outros homens. Por sua vez, tio Abdias parece ser o destino que aguarda João (e também Aldair) quando (e se) futuramente ele se casar, ou seja, um marido destinado a viver com uma esposa dominadora, uma esposa que sabe que ou ela domina o marido e os filhos ou será dominada pelo marido e ignorada

pelos filhos mais tarde da mesma maneira que agora tio Lívio faz diante dos apelos de sua mãe. Dessa forma, a educação que ela dá a Aldair obviamente não tem intenção de efeminá-lo, como Sigismundo parece sugerir. Seu real objetivo é livrá-lo de se tornar um homem típico daquela cidade, ou seja, um homem dominado pelos instintos sexuais, como tio Lívio. Foi isso o que Sigismundo em parte compreendeu quando a ouviu dizendo que ele estava no caminho para ser como o tio: “Eu poderia seguir o caminho de tio Lívio. Mas o seu Aldair não, que ainda, felizmente, tinha ela para olhar por ele.” (GOMES, 2005, p. 41)

As duas outras mulheres, além de tia Maria, que rejeitam, embora de forma indireta, o padrão de masculinidade de Currais Novos são as amantes de tio Dino e de tio André. Tio Dino foi estudar por um tempo em Recife, mas, ao invés de voltar o doutor da família, voltou totalmente sem rumo e sem objetivo, simplesmente cantarolando um tango argentino, possível reminiscência de um amor não realizado. Passava o dia inteiro a cantarolar totalmente indiferente às coisas que se passavam ao seu redor.

O segundo tio era André que em sua ingênua sensibilidade apaixonou-se por uma moça de uma família amiga que viera para seu sítio na esperança de melhorar sua saúde debilitada. Depois que a tal moça voltou para Natal, sua cidade de origem, tio André foi procurá-la lá. No entanto, apesar de suas atenções para com André enquanto estava no sítio, a moça o tratou com humilhação em Natal. Juntamente com algumas amigas, ela ria “do seu sertanejo, que não sabia andar na cidade e atravessar uma rua cheia de gente, atrapalhado e afogado nas roupas malcortadas que fizera para ir vê-la” (GOMES, 2005, p. 60). A dor e a humilhação que tio André sentiu foram tão intensas que apenas o suicídio conseguiu detê-las.

O que essas três mulheres, tia Maria e as duas amantes de tio Dino e tio André, têm em comum é o fato de pertencerem originalmente a uma sociedade e a uma cultura diferentes daquela de Currais Novos. Assim, podemos definir o mal-humor e os queixumes de tia Maria como uma defesa contra a objetivação da mulher como era prática na cultura currais-novenses. As duas outras mulheres, por sua vez, tinham outra perspectiva da vida, totalmente diferente daquela de uma cidadezinha do interior nordestino como Currais Novos dos anos 30. Os homens, tio Dino e tio André, que a amaram não souberam ou não puderam se adaptar a um tipo de mulher que tivesse um background cultural diferente do deles, o que levou ao fim melancólico desses dois relacionamentos. Podemos afirmar, então, que a cultura masculina daquela cidade forma

homens que conseguem lidar com mulheres apenas enquanto objetos sexuais indispensáveis em seu processo de tornar-se e serem aceitos como homens de verdade. Qualquer relacionamento diferente desse tipo de abordagem revela o quanto esses homens são despreparados para lidar com tal situação.

Nesse contexto de caracterizações extremadas, Sigismundo, ao voltar para a casa dos pais, vai encontrar neles um referencial diferente do que até agora vinha sendo influente em sua formação. Seu pai e sua mãe representam um modelo de relacionamento harmonioso entre homem e mulher. Eles representam a concretização do amor romântico no qual o casal está junto pela afeição, carinho e companheirismo. Nesse sentido, podemos ver a punição que a sua mãe lhe impõe, quando Sigismundo seduziu a menina Maria, como uma tentativa de lhe educar na maneira como ela e seu marido viviam. Assim, há momentos em que, apesar da clara diferença entre sua mãe e tia Maria, Sigismundo vê alguma semelhança entre as duas.

Não me queria na companhia deles que me podiam botar a perder. E dera para me vigiar feito tia Maria com o seu Aldair de tranças de boneca. Protegia-me de todo modo. E para me afastar da vida do Alívio, da cabroeira do eito, iludia-me dizendo que iria no fim do ano para o colégio em Natal. (GOMES, 2005, p. 46)

De qualquer forma, a mãe de Sigismundo, cujo nome é significativamente Branca, é a única a sinalizar uma possível saída para aquele tipo de comportamento imposto aos homens daquela cidade e que inevitavelmente gerava mulheres como tia Maria.

Para concluir, podemos afirmar que a questão de gêneros, tão saliente neste romance, pode ser vista como uma possível explicação para o título do romance de José Bezerra Gomes. Certamente é a falta de capacidade para refletir sobre seus próprios valores que fazem desses habitantes de Currais Novos dos anos 1930 serem brutos. Eles são obrigados a, sem reflexão, se enquadrarem nos ditames sociais que determinam o que um “homem” deve ser sem levar em consideração as conseqüências que suas atitudes podem provocar em suas próprias vidas e na vida das outras pessoas ao seu redor, principalmente as mulheres que os rodeiam.

#### REFERÊNCIA:

GOMES, José Bezerra. *Obras reunidas: romances*. Natal: EDUFRN, Editora da UFRN, 1988.

GIKOVATE, Flávio. *Homem: O Sexo Frágil?* São Paulo: MG Editores Associados, 1989.

TREVISAN, João Silvério. *Seis Balas num Buraco Só – A Crise do Masculino*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da Literatura Potiguar*. Natal (RN): Argos, 2001.